

O leitor e o não leitor

ODILIA CLARK PERES RABELLO *

Considerações a respeito do leitor e do não leitor: diferenças, qualidades básicas, hábitos de leitura, motivos que levam o leitor a tornar-se não leitor e os fatores que influenciam negativamente no acesso à leitura.

“O público visado pelo escritor é um público aberto, possível. O visado pelo editor é o público provável. Mas o público do livreiro é o real; ele sabe que as livrarias existem para a classe média e rica.” (1)

E o público do bibliotecário? Seu conhecimento nos chegará através da pergunta: quem é o leitor? Mais especificamente: quem é o leitor brasileiro?

A essa indagação podemos responder com dados de pesquisas e registros existentes que, sob diferentes pontos de vista, possibilitam uma caracterização parcial do nosso leitor.

Preferimos, contudo, tratar esse assunto em outra abordagem: quais são as qualidades que uma pessoa deve possuir para se tornar um leitor? quais são os fatores que fazem com que uma pessoa se torne um

* Professor assistente da Escola de Biblioteconomia/UFMG.

não leitor? quais são as possíveis barreiras que se interpõem entre o leitor e o livro?

Para Hatt (3) temos o que se convencionou chamar “o público leitor” — uma abstração e “esse leitor” — um indivíduo real.

As qualidades básicas que fazem com que uma pessoa possa tornar-se um leitor são, segundo ele:

1. capacidade de ler e escrever;
2. facilidade de acesso à leitura;
3. condições mínimas do ambiente;
4. tempo para ler.

Para ele, os leitores se diferenciam dos não leitores por possuírem essas qualidades: “os leitores num grupo são os que têm essas qualidades e escolhem ler. Esse leitor, em uma situação existencial de leitura, é a pessoa que é alfabetizada, teve acesso a esse texto, tem aqui a condição física certa e tem tempo agora para ler e escolheu essa oportunidade”.

Gostaríamos de fazer algumas considerações a respeito do leitor e do não leitor a partir dessa abordagem.

Uma necessidade básica, pré-requisito das demais, é ser a pessoa alfabetizada. Um problema se coloca de imediato: até que ponto pode-se considerar uma pessoa alfabetizada? Por alfabetizado entende-se não apenas o indivíduo que aprendeu a ler e escrever, mas o que sabe ler em um determinado nível, o que tem realmente capacidade de leitura. Sendo a capacidade de leitura ligada a um processo anterior de aprendizagem, de maturação, torna-se necessário que tenham sido desenvolvidas certas condições mínimas necessárias à leitura.

Uma pesquisa realizada em alguns países da América Latina a respeito de leitura demonstra que, se a taxa de alfabetização fosse medida através da capacidade de leitura e de seu uso de uma maneira eficaz,

subiria assustadoramente o índice de analfabetismo na América Latina. Por exemplo, na Colômbia, 62% dos que fizeram o primário, liam em nível inferior ao 4º grau, quando da realização do estudo (6).

O problema da capacidade de leitura não deve ser considerado simplistamente, visto apresentar uma grande complexidade. A capacidade de leitura e a adequação do material oferecido são fatores que impedem ou repelem a leitura.

Essas considerações levam-nos a pensar, por exemplo, na importância fundamental de se saber a capacidade de leitura de nossos usuários quando da escolha de uma coleção de biblioteca. Quantos leitores, não encontrando material ao seu alcance, em termos de compreensão, não se desmotivaram e acabaram tornando-se não leitores? Essa primeira qualidade elimina da categoria de leitores um número significativo de pessoas e é responsável por uma série de empecilhos à leitura.

O acesso pode ser entendido de diferentes maneiras. Consideremos em primeiro lugar, a existência ou não de bibliotecas, de livrarias, de depósitos de livros, de pontos de distribuição de livros.

Temos um número relativamente pequeno de bibliotecas de diferentes tipos, em proporção ao total da população. Medina (5) mostra que apenas 29,7% dos municípios brasileiros possuem bibliotecas, muitas delas em condições bastante precárias de funcionamento. Nota-se uma concentração dessas instituições em determinadas áreas geográficas, muito especialmente na região sul, e também, nas capitais. Mesmo nessas, pode-se observar a sua localização em pontos nobres, fora do que Escarpit chama de "circuito do grande público".

Não se observa com a devida freqüência a existência de bibliotecas sucursais, carros-biblioteca, salas de leitura, uma maior dispersão física das bibliotecas. Pelo contrário, crescem as bibliotecas centrais.

A distância, o tempo gasto para se chegar a uma biblioteca, a dificuldade de transporte e seu custo proibitivo para muitas pessoas são alguns dos motivos que fazem com que o acesso físico às bibliotecas torne-se problema para uma grande parcela de nossa população.

Considerando-se que o resultado mais constante e significativo dos estudos de usuários refere-se à acessibilidade como o grande determinante do uso, esse problema assume proporções mais sérias do que à primeira vista possa parecer.

O acesso deve ser entendido também no que se refere ao acesso ao conteúdo das bibliotecas. Dificultado que é, muitas vezes, pela disposição física interna, pela colocação dos livros nas estantes, pelos sistemas e códigos adotados, pela "linguagem" muitas vezes desconhecida para os usuários; pelos regulamentos e burocracias. . .

Contudo, o acesso à leitura não se limita apenas às bibliotecas. Não podemos esquecer, também, outros pontos de distribuição de livros, como as livrarias.

Com essas, os problemas referentes às bibliotecas se repetem, tornando-se quase um lugar comum.

Observa-se o mesmo fenômeno da concentração, já que a maioria das livrarias está localizada no eixo Rio de Janeiro/São Paulo e há uma porcentagem relativamente baixa de livrarias — (23,8%) em relação à população, segundo o IBGE (5). Leve-se em conta que não houve uma definição precisa de livraria, sendo considerada num sentido amplo. Também a disposição interna das livrarias não motiva, às vezes, a entrar e folhear um livro.

Deve-se observar, contudo, uma tendência à descentralização dos pontos de distribuição dos livros, que hoje já são encontrados em lojinhas dos bairros, bancas de revistas, supermercados.

Porém, aí notamos uma certa limitação, pois apenas certos livros, de determinados assuntos ou gêneros são aí vendidos. Geralmente "best-sellers".

Encontramos um livro técnico especializado nesses pontos de venda?

Eclea Bosi chama a atenção para o fato de que, na sua pesquisa com operárias, a maioria dos livros comprados o foram através de uma "Kombi estacionada perto da fábrica e de volantes, livrarias de bairro, bancas de jornal. Na maior parte dos casos, é o livro que se põe no caminho da operária, e não o contrário. A escolha é restrita ao que se apresenta. Empréstimo ou doação de pessoas amigas é a fonte mais comum." (1) Funciona mais o chamado "circuito de mão-a-mão".

Esse acesso fácil, por outro lado, pode apresentar inconvenientes para os leitores em relação a tipo de leitura e conteúdo: "as leituras postas em circulação nos circuitos populares quase sempre encorajam a deserção. É uma literatura pobre e estereotipada, feita para as massas e girando em torno de uma mitologia sentimental". (1) Outros problemas ligados a acesso seriam, por exemplo, as barreiras comerciais, legais e econômicas. As impostas pelo acesso fazem com que muitas pessoas leiam o que encontram e não o que precisam ou gostariam. Porém, como a alfabetização, também o acesso não deve ser considerado separadamente.

Outro fator a ser destacado é o ambiente. Para Hatt, encontramos uma série de condições mínimas necessárias à leitura, que podem ser divididas em

necessidades objetivas e subjetivas. Dentre as primeiras encontramos, por exemplo, a iluminação (sem a qual não se pode ler) e nas segundas o silêncio, o isolamento (que para ele estão mais relacionadas com um estilo de vida do que propriamente com o processo de leitura).

Essas necessidades estão, na maioria das vezes, relacionadas à condição sócio-econômica do leitor.

Por exemplo, problemas de moradia fazem com que cresça assustadoramente, o número de apartamentos e diminua o “espaço” de cada pessoa e suas condições de silêncio e privacidade; o crescimento das cidades aumenta o problema do transporte entre diferentes pontos; o baixo poder aquisitivo das pessoas faz que prioridades devam ser estabelecidas e o livro não entre em primeiro lugar na escala; e vários outros motivos podem ser alegados...

A condição sócio-econômica deve ser lembrada principalmente no que diz respeito à influência decisiva que tem a base — a criança. Para Serage (7) “se o ambiente não permite que o indivíduo tenha atitudes, motivações, estímulos e orientações cognitivas necessárias para a leitura, não terá sucesso na escola.”

Gray mostra que os “professores reconhecem que o ambiente social da criança e suas relações são fatores determinantes na sua atitude diante da leitura... essas atitudes são adquiridas através do contato em casa, na vizinhança, na igreja e em outras instituições”.

O ambiente sendo desfavorável e afetando a vida da pessoa como um todo, afetará necessariamente em relação à leitura, em diferentes aspectos: na oportunidade, frequência, capacidade, motivação e preferência de leitura.

Finalmente, temos que o leitor é alguém que tem tempo para ler.

É comum dizer-se que hoje não temos tempo para nada, com a vida agitada que levamos e com as diferentes solicitações que recebemos.

Paradoxalmente, estamos hoje, segundo especialistas do assunto, na era do lazer — “definido por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana”. (2) Teoricamente, aumentou então o tempo livre das pessoas. Contudo, entre outros motivos, a situação sócio-econômica, as novas condições de vida das famílias, fazem com que, cada vez mais surja a necessidade de trabalho fora e dentro de casa, diminuindo assim o tempo livre e, conseqüentemente, aumentando as atividades suplementares, domésticas ou de manutenção.

Por outro lado, aumentaram e diversificaram-se as oportunidades de lazer. Com isso, conforme afirma Dumazedier (2) o tempo reservado à leitura diminuiu.

Ecléa Bosi afirma que, para as operárias, “o lazer é sugado pelo rádio, pela TV, pela fotonovela.” (1)

Pesquisas com jovens de seis grandes cidades brasileiras mostram que “ver a TV à noite é a norma”.

Em Brasília, estudo realizado sobre o lazer (2) evidencia que a “leitura não faz parte do lazer efetivo de modo intenso e, certamente, não compõe o quadro do lazer desejado.”

Essa situação, sistematizada, não poderia, talvez, refletir toda a situação brasileira?

A capacidade de ler e escrever, a facilidade de acesso, as condições mínimas do ambiente, o tempo para ler, são segundo Hatt (3) as qualidades que uma pessoa deve possuir para que tenha condição de se tornar um leitor. Porém, o fator chave é a moti-

vação, que faz com que realmente um indivíduo habilitado torne-se um leitor.

Para Kretch (4), a motivação deve ser entendida em seus dois aspectos: direção da ação e persistência da ação: "em primeiro lugar, indagamos porque os indivíduos escolhem uma ação e rejeitam as ações alternativas. Estas perguntas se referem à direção da ação. Em segundo lugar, indagamos porque as pessoas insistem numa ação escolhida, frequentemente por longo tempo, e muitas vezes diante de dificuldades e obstáculos. Essas perguntas se referem à persistência da ação".

O que motiva as pessoas à leitura? Muitas razões são apontadas e as mais comuns são: aumentar o conhecimento, novas experiências, evasão.

Talvez a pergunta mais correta devesse ser assim formulada: que necessidades as pessoas têm e que vão ser ou não satisfeitas pela leitura?

A biblioteca tem se interessado mais pelo aspecto da direção da ação. Porém, a persistência da ação é que vai auxiliar o bibliotecário na compreensão dos motivos que levam um leitor a permanecer nessa condição. Quais os fatores que interferem na persistência do ato de leitura? Como lidar com eles?

Podemos notar que existe uma tênue linha de separação entre o leitor e o não leitor, entre o leitor constante e o ocasional.

O ato de leitura é um ato complexo; o leitor real e o potencial sofrem injunções de diferentes ordens que os afetam em menor ou maior grau.

A pergunta — quem é o leitor brasileiro? — apresenta problemas complexos e para os quais não podemos dar respostas bastante concretas e específicas.

Porém, podemos dizer que o leitor potencial brasileiro não constituirá certamente uma parcela signi-

ficativa de nossa população, se levarmos em conta as qualidades acima mencionadas.

A pergunta — quem é o leitor? — deveria então ser formulada da seguinte maneira: dos aptos à leitura, quais são realmente os leitores? E os não leitores? Que possibilidades de ação temos em relação a eles? Que motivos os levam a não se aproximarem da leitura? Para as operárias, Ecléa Bosi os define como: “excesso de trabalho, falta de tempo, cansaço, vista doente” e a grande “barreira econômica.”

E para os demais estratos da população?

Na ausência de respostas mais concretas para ambos os casos — leitor e não leitor — talvez seja de alguma maneira útil a abordagem de Hatt.

Menos uma resposta, mais uma proposta — a de se considerar o leitor e o não leitor dentro da complexidade dos fatores que interferem na sua condição.

Considerations about readers and non-readers: differences, basic qualities, reading habits, motives that determine the change of readers to non-readers and the factors that influence negatively the access to reading matter.

BIBLIOGRAFIA

1. BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis, Vozes, 1977. 180 p.
2. DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
3. HATT, Frank. *The reading process; a framework for analysis and description*. London, C. Bingley, 1976. 124 p.
4. KRECH, David & CRUTCHFIELD, Richard. *O indivíduo na sociedade; um manual de psicologia social*. São Paulo, Pioneira, 1969. v. 1.

5. MEDINA, C.A. *A função social do livro na atual realidade brasileira*. Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais; Sindicato Nacional de Editores de Livros, 1975. 73 p.
6. PENNA, Carlos Victor. Hábitos y niveles de lectura en algunas regiones latinoamericanas. In: — *Planeamiento de servicios bibliotecarios y de documentacion*. Madrid, Oficina de Educacion Iberoamericana; Paris, Unesco. p. 227-29.
7. SERAGE, M. The culturally deprived reader; research diagnosis and descriptions. *The Library Quarterly*, 40(2): 250-64, Apr. 1970.